

SABERES TRADICIONAIS E CONHECIMENTOS CIENTÍFICOS NAS CIÊNCIAS HUMANAS

2

DENISE PEREIRA
JANAÍNA DE PAULA DO ESPÍRITO SANTO
(ORGANIZADORAS)

Atena
Editora
Ano 2020

SABERES TRADICIONAIS E CONHECIMENTOS CIENTÍFICOS NAS CIÊNCIAS HUMANAS



DENISE PEREIRA
JANAÍNA DE PAULA DO ESPÍRITO SANTO
(ORGANIZADORAS)

Atena
Editora
Ano 2020

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecário

Maurício Amormino Júnior

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Karine de Lima Wisniewski

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

- Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

- Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá

Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Alborno – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lúvia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Saberes tradicionais e conhecimentos científicos nas
ciências humanas

2

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecário Maurício Amormino Júnior
Diagramação: Luiza Alves Batista
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadoras: Denise Pereira
Janaína de Paula do Espírito Santo

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

S115 Saberes tradicionais e conhecimentos científicos nas
ciências humanas 2 [recurso eletrônico] /
Organizadoras Denise Pereira, Janaína de Paula do
Espírito Santo. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-65-5706-312-5
DOI 10.22533/at.ed.125202008

1. Antropologia. 2. Ciências humanas. 3. Etnologia. I.
Pereira, Denise. II. Espírito Santo, Janaína de Paula do.

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Uma tradição, normalmente, pode ser definido como aquilo que se faz por hábito, um legado passado de uma geração para outra. Embora o historiador Hobsbawm tenha chamado atenção em uma obra bastante reconhecida entre historiadores de que as tradições, de maneira geral consistem em retomar “passado histórico apropriado”, em que o senso de continuidade ocupa um valor e uma necessidade centrais, e que, para isso, muitas vezes os diferentes grupos se constituem em torno de falsas noções de continuidade, ou seja, as tradições, podem, muitas vezes serem inventadas, a expressão saberes tradicionais traz consigo um elemento mais amplo do que a noção de continuidade a que nos referíamos acima.

Usualmente, a ideia de saber tradicional é usada para marcar um conjunto de noções e práticas que permeiam as sociedades e grupos e são ligadas, por exemplo, ao reconhecimento de propriedades de plantas, consensos e práticas sociais comuns, valores norteadores que parecem pertencer a uma realidade atemporal, ou seja, estiveram sempre presentes e são reconhecidas por um grande número de pessoas sem ter passado pelo espaço de “validação científica”, que nesse caso, significaria o crivo do método usado pela ciência para chegar em suas conclusões. Isso não significa, que, nos dias atuais não se possa falar de uma espécie de «terreno comum» em que se estabelece um diálogo, uma espécie de entendimento entre as esferas do conhecimento tradicional e do conhecimento contemporâneo, técnico e científico.

Essa troca existe, e é bastante presente, ainda que, nem sempre, essas esferas sejam consideradas de maneira equivalente, uma vez que a “ciência” acaba prevalecendo. Em ciências humanas, nos últimos anos, esse debate se fez cada vez mais presente, dado que o registro, o resgate e o entendimento desses saberes tradicionais sempre esteve na pauta, de uma maneira ou de outra, de seu campo de pesquisa. Nesse caso, o sentido de incompatibilidade não se faz tão presente como em outras tradições científicas. Ainda assim, tem se construído cada vez mais o entendimento de que esse resgate e a ideia de que os saberes tradicionais devam ser pesquisados e referidos, junto com eles chama-se a atenção para que os valores de justiça social, participação popular e sustentabilidade estejam sempre presentes e cada vez mais na pauta do processo de construção dos saberes. Assim, para além de base e fonte, se entende, nas ciências humanas, que há que se dar voz ao saber tradicional, e que o dialogo deste com o conhecimento científico constitui-se enquanto riqueza e multidimensionalidade do mesmo.

Esperamos que as leituras destes capítulos possam ampliar seus conhecimentos e instigar novas reflexões.

Boa leitura!

Denise Pereira
Janaína de Paula do E. Santo

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA A PARTIR DA CONSTRUÇÃO DE BANCO DE DADOS DIGITAIS: O CASO DA FUNDAÇÃO ENERGIA E SANEAMENTO	
Gabriel Luiz dos Santos Maria Celina Pedroso Alves Yuri de Lira Lucas	
DOI 10.22533/at.ed.1252020081	
CAPÍTULO 2	16
A REPRESENTAÇÃO DA VIDA RURAL POR MEIO DA MÚSICA SERTANEJA RAIZ E SUAS TRANSFORMAÇÕES – NAS VOZES DE TIÃO CARREIRO E PARDINHO	
Bruno de Caldas Martins Alessandro Henrique Cavichia Dias	
DOI 10.22533/at.ed.1252020082	
CAPÍTULO 3	28
ALTERIDADE, IDENTIDADE E PROTAGONISMO INDÍGENA NO BRASIL E A DISPUTA PELAS TERRAS TRADICIONAIS	
Valéria Nogueira Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.1252020083	
CAPÍTULO 4	40
AS MULHERES NAS “POESIAS BÍBLICAS” DE DANIEL FARIA	
Marcus Mareano	
DOI 10.22533/at.ed.1252020084	
CAPÍTULO 5	49
CIBERCULTURA E AS NOVAS NUANCES EM SER NERD	
Adrielle Cristina Rodrigues Lucia Helena Vendrusculo Possari	
DOI 10.22533/at.ed.1252020085	
CAPÍTULO 6	53
CIDADES SUSTENTÁVEIS: ESTUDO DOS INDICADORES DA CIDADE DE JOÃO PESSOA-PB	
Juliana Moraes da Silva Souza Erbenia Lourenço de Oliveira Heverton Felinto Pedrosa de Melo	

Marucelle de Alcântara Bonifácio

DOI 10.22533/at.ed.1252020086

CAPÍTULO 7.....74

CIRCULARIDADE, FOGO DOMÉSTICO E CRIANÇA KAIOWÁ: O CAMINHAR DAS CRIANÇAS PELA ALDEIA LARANJEIRA ÑANDERU

Jéssica Maciel de Souza

Tania Milene Nugoli Moraes

Antonio Hilario Aguilera Urquiza

DOI 10.22533/at.ed.1252020087

CAPÍTULO 8.....85

COOPERATIVISMO E POLÍTICAS PÚBLICAS: A COOPERATIVA AGRÍCOLA DOS PRODUTORES DE VINHO DE JUNDIAÍ (AVA) NO ÂMBITO DO PROJETO MICROBACIAS II

Tamires Regina Rocha

Alan da Silva Vinhaes

DOI 10.22533/at.ed.1252020088

CAPÍTULO 9.....97

DO IMPRESSO AO DIGITAL: O USO DE NOVAS MÍDIAS PARA INFORMAR E ORIENTAR CONSUMIDORES

Solange de Fátima Wollenhaupt

Lúcia Helena Vandrúsculo Possari

DOI 10.22533/at.ed.1252020089

CAPÍTULO 10.....106

FROM THE TERRITORY TO THE CYBER SPACE: THE SEARCH FOR THE SYMBOLIC CAPITAL OF THE MISAK INDIGENOUS

Jennifer Paola Pisso Concha

Mário Cezar Silva Leite

DOI 10.22533/at.ed.12520200810

CAPÍTULO 11.....111

EMPREENDIMENTOS ECONÔMICOS SOLIDÁRIOS E SUAS INTERFACES COM A VALORIZAÇÃO DA MULHER NO TRABALHO ASSOCIATIVO: O CASO DA ECOLANCHES

Heverton Felinto Pedrosa de Melo

Marucelle de Alcântara Bonifácio

Juliana Moraes da Silva Souza

Erbenia Lourenço de Oliveira

Mariéli Barbosa Cândido

DOI 10.22533/at.ed.12520200811

CAPÍTULO 12.....	123
ESPAÇO RURAL NO PLANO PLURIANUAL (2008/2011) DA BAHIA: AVANÇOS E CONTRADIÇÕES NA INSTITUCIONALIZAÇÃO DO DISCURSO DO GOVERNO DO ESTADO	
Adelmo Santos da Silva Vanessa da Silva Vieira	
DOI 10.22533/at.ed.12520200812	
CAPÍTULO 13.....	132
FAZENDA GUATAPARÁ:O BERÇO DA IMIGRAÇÃO JAPONESA NO ESTADO DE SÃO PAULO	
Denise Cristina Rosario Vieira	
DOI 10.22533/at.ed.12520200813	
CAPÍTULO 14.....	145
MÍDIA E CAMPANHA DA FRATERNIDADE, CAMINHO PASTORAL PARA A JUSTIÇA E A PAZ	
Leila Maria Orlandi Ribeiro	
DOI 10.22533/at.ed.12520200814	
CAPÍTULO 15.....	154
O CANTO DE CLEMENTINA DE JESUS: UMA APRESENTAÇÃO SINCRETICA ENGAJADA MANIFESTADA A PARTIR DA DECADA DE SSESSENTA	
Terezinha do Socorro da Silva Lima	
DOI 10.22533/at.ed.12520200815	
CAPÍTULO 16.....	173
O PAPEL E AS CARACTERÍSTICAS DA AGRICULTURA URBANA EM PORTO FERREIRA-SP	
Alan da Silva Vinhaes Tamires Regina Rocha	
DOI 10.22533/at.ed.12520200816	
CAPÍTULO 17.....	185
SOLIDARIEDADE COMO PRINCÍPIO DE ORGANIZAÇÃO PASTORAL E ECLESIAL	
Matheus da Silva Bernardes	
DOI 10.22533/at.ed.12520200817	

CAPÍTULO 18.....194

UMA RELAÇÃO DIVINA E CULTURAL ATRAVÉS DA PRÁTICA DO JONGO: MEMÓRIA DE UMA ANCESTRALIDADE DA CANTORA CLEMENTINA DE JESUS

Terezinha do Socorro da Silva Lima

Ana Maria Cavaleiro de Macedo Bragança

DOI 10.22533/at.ed.12520200818

SOBRE AS ORGANIZADORAS.....209

ÍNDICE REMISSIVO.....210

CAPÍTULO 15

O CANTO DE CLEMENTINA DE JESUS: UMA APRESENTAÇÃO SINCRETICA ENGAJADA MANIFESTADA A PARTIR DA DÉCADA DE SESSENTA

Data de aceite: 01/08/2020

Terezinha do Socorro da Silva Lima

Mestre do Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião pela Universidade do Estado do Pará – UEPA; Especialista em Educação para as Relações Étnicorraciais pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará – IFPA; Graduada em Serviço Social pela Universidade Federal do Pará – UFPA; e Servidora efetiva do IFPA/Reitoria como Técnica de nível superior.

RESUMO: A música através da arte foi um mediador para a cantora Clementina de Jesus se afirmar nos locais por onde passou mobilidade que surgiu ainda na adolescência quando foi convidada para cantar como pastora no festejo religioso alusivo a jornada dos Reis Magos à Belém. João Cartolina foi a pessoa responsável que contribui muito para que posteriormente a cantora mostrasse o seu talento. Cartolina era mestre festeiro, liderança na comunidade que em dezembro ensaiava as moças para a noite Santa percorrer as casas dos vizinhos colhendo donativos. Ao final do século XIX os negros viviam um momento de grande visibilidade de exclusão no que se refere à afirmação de uma identidade, pois o contexto anunciava um país agroexportador para uma incipiente indústria, logo uma reorganização societária. É nesse sentido que se forma uma excludente desigualdade social, levando em consideração que em nenhum momento da história em especial a brasileira

se organizou um plano voltado aos mesmos para que viesse contemplar com mudanças econômicas, política e social (Costa, 2017, p.68). O presente artigo parte do pressuposto que o canto de Clementina a partir da década de sessenta foi expressões que ressignificaram uma religiosidade e ao mesmo tempo pode atribuir valores, até então não extinto para esse povo, assim a motivação para essa discussão é socializar um ensaio a respeito de seu canto. O canto que se fez visível através da música. De acordo com Costa, através da obra intitulada como *“Batuque: espaços e práticas de reconhecimento da identidade Étnico-racial”*, uma das categorias utilizadas para entender uma cultura rica em traços construídos de valores e de pluralidade cultural.

PALAVRAS-CHAVE: Clementina de Jesus, Cultura afro-brasileira, Música; Religiosidade.

ABSTRACT: The music through art was a mediator for the singer Clementina de Jesus to affirm herself in the places where she passed, a mobility that emerged as a teenager when she was invited to sing as a pastor in the religious feast dedicated to the journey of the Magi to Bethlehem. the responsible person who contributed so much that the singer later showed his talent, was a celebratory teacher, community leader who in December rehearsed the girls for the Holy Night to go through the houses of the neighbors collecting donations. At the end of the nineteenth century, blacks lived in a moment of great visibility of exclusion as regards the affirmation of an identity, for the context announced an agro-exporting country for an incipient industry, then a corporate reorganization. It is in this sense that an exclusive social inequality is formed, taking into account that in no particular moment of Brazilian

history was a plan directed to the same ones that contemplated with economic, political and social changes (Costa, 2017, p.68). The present article assumes that the Clementine song from the sixties were expressions that reaffirmed a religiosity and at the same time be able to attribute values, until then not extinct for this people, so the motivation for this discussion is to socialize an essay to respect your singing. The song that was made visible through the music. According to Costa, through the work entitled “Batuque: spaces and practices of recognition of ethnic-racial identity,” one of the categories used to understand a culture rich in values-built traits is cultural plurality, as it is now seen as a field of affirmation of the diverse identities that form the Brazilian nation.

KEYWORDS: Clementina de Jesus, Afro-Brazilian culture, Music, Religiosity.

1 | A CONSTRUÇÃO CULTURAL DE UM POVO

A história do povo negro no período escravocrata foi construída em cima de violência, as mais diferentes formas, a reconstituição dessa população em se afirmarem, enquanto povo em uma nação alheia permitiu que essa reconstituição acontecesse também de maneira desordenada, logo o que se pode afirmar é que os mesmos estrategicamente tiveram caminhos diversos de organização sincrética, como forma de uma construção indenitária. Assim, os laços de solidariedade ao final do século XIX entre as diferentes etnias favoreceram meios encontrados de sobrevivências.

Clementina de Jesus nasceu no município de Valença em 1901, quatorze anos já havia se passado da abolição da escravidão, a cidade pertence à zona de Resende, microrregião do Vale do Paraíba, vizinha a região do médio Vale do Paraíba. Mas, através da memória oral, pode acompanhar o sofrimento dos seus ancestrais. Em 1860, os escravos de Valença nos últimos anos do império tinham diferentes procedências, em razão do intenso tráfico interprovincial, dessa forma os mesmos alternavam os momentos duros de seu cotidiano com outros, as atividades de devoção e lazer. A música nesse momento tornou-se o acalanto, começava a ter um papel fundamental, pois foi através dela que os negros criaram mecanismo de resgate cultural, proveniente de outras regiões do Brasil, como o Lundu, dança que vem do batuque banto, até o Samba de Partido-alto, e outros gêneros musicais presentes na memória do Canto de Clementina de Jesus.

No que se refere à religiosidade de Clementina, enquanto pertencente à religião católica, acredita-se que os ancestrais do seu povo banto, tinham como momento de lazer assistir à missa aos domingos e dias santos, nas fazendas, cuja religião dos portugueses era a cristã, havia na relação escravos e senhores um comprometimento de obediência aos seus senhores. Portanto, para entender a posição de Clementina como religiosa cristã (catolicismo), ela que em depoimento sempre se afirmava pertencer a essa filosofia religiosa. Portanto, podemos afirmar que o sincretismo dos negros bantos, parte desse ponto. Outra interpretação que colabora para tal questionamento, é que o processo de catolização na região do Congo e Angola, ainda no século XV, vêm com os primeiros portugueses que se fixaram na área. Em 1518 o filho do rei Congo Mbemba-a-Nzinga era sagrado pela igreja Romana como o primeiro bispo católico africano. (LOPES, 2001, p. 58).

Cabe aqui pontuarmos, que o povo negro quando veio como cativos para outras localidades, de uma forma geral eram batizados á força em uma cerimônia rápida e superficial, com o argumento que na nova “terra” havia adversidades e, eles estariam com a proteção divina, então podemos evidenciar que esse povo já trazia consigo o pertencimento

de uma filosofia religiosa, nesse caso o catolicismo.

Dessa forma, a eles só restaram às lembranças que se perpetuaram na memória, conceitos estereotipados, que até hoje são extremamente difíceis de apagar. Logo, foi dessa maneira que a população negra ao longo dos séculos foi exposta as diferentes formas de crueldades. A partir do momento que eles saíram de sua nação para serem escravizados em outros países, se utilizavam da música ou da dança consecutivamente como instrumento específico ritualístico que retrata um contexto social (LOPES, 2011, p. 55-56).

Outra reflexão pertinente que podemos referenciar, na obra de Carmo (2012) que no século XX, foi bem intensa a questão do preconceito em relação aos negros, autores como Robert Slene, Nina Ribeiro e Gilberto Freire, vêm fazer uma abordagem em torno do negro e o contexto, assim era associado o Jongo com a macumba e por isso muitos negaram a cultura do Jongo, levando em consideração que a sociedade da época via nas práticas religiosas africanas como magia negra e como o Jongo remetia bem essa cultura terminou que lhes foi estendidos. Partindo dessa discussão fica viável compreender que as estratégias políticas desde essa época já eram utilizadas como uma ação entre eles, desse modo às interpretações do catolicismo nas crenças ancestrais deu lugar ao sincretismo também no Brasil. Assim podemos conceituar o termo:

Sincretismo é a fusão aleatória de elementos de doutrinas diferentes. Com relação aos encontros das religiões africanas com o cristianismo, a moderna etnografia rejeita a tradicional expressão “sincretismo religioso”. O catolicismo e os cultos negros, Lopes cita Muniz Sodré, que tem a seguinte entendimento, enfeixam sistema simbolicamente incompatíveis. Então, ao associarem orixás, voduns e inquices (espíritos bantos) a santos católicos, aos negros não fundiram os dois sistemas, mas apenas respeitosamente, trouxeram para o seu domínio, através das analogias, os heróis e mártires canonizados por Roma, da mesma forma que os antigos romanos introduziram em seus templos os deuses dos adversários vencidos. (FRIAS, 2001, p. 58 et.al.).

De acordo com o conceito citado sobre o sincretismo visto como uma forma de transpor os seus santos aos santos dos “brancos”. Observamos que em cima do conceito torna-se visível a interpretação em que os escravos não possuíam folgas para poderem cultivar sua religiosidade, no entanto, eram liberados do seu trabalho para estarem presentes nos dias santos dos brancos, como exemplo de sincretismo têm os nagôs na Bahia que comemoram Oxóssi no dia de Corpus Christi, São Jorge para os negros era um caçador; Ogum no dia de Santo Antônio (Santo Antônio guerreiro por ser um patente do exercito brasileiro); Xangô Afonjá (São Pedro) é o orixá do fogo e as noites de São Pedro e São João se comemora com fogueira, Oxóssi, cultuado na África como deus da caça (Orixá da mata), na Bahia é sincretizado como São Jorge e no Rio de Janeiro, São Sebastião, Ogum, na África o deus do ferro, e está relacionado ao deus da guerra, já na Bahia é caracterizado com Santo Antônio.

De maneira específica, podemos exemplificar de fato o que caracteriza o sincretismo: A festa Baiana do Bonfim, em Salvador é um bom exemplo que melhor expressa de como o negro pode cultivar sua cultura. O negro dentro de uma festividade católica para o africano a água é elemento que apresenta um símbolo muito forte, como agente de purificação, representa paz e apaziguamento. Logo, quando o negro baiano lava o adro da igreja e se

deixa molhar pelas águas do Bonfim, eles estão repetindo um ritual de seus ancestrais, chamando para si felicidade, fecundidade e riqueza. Assim, quando Clementina canta a canção “Benguelê, ô mamãe sinda”, na Umbanda há um entrecruzamento de informações do universo banto com outras do âmbito Jeje-nagô. (FRIAS, LOPES, 2001, p. 59 et. al).

É nesse sentido que a relação da música da cantora em seu repertório encontra-se presente elementos que o caracteriza esse passado como uma forma sincrética que muito diz da sua própria cultura, denominação que se originou no umbundo onjongo, nome de uma dança dos quimbundos, proveniente de Angola, corimbas, corimas ou curimãs (do quimbundo, de kuimba, cantar; ou de kurimba, confusão; ou ainda de kudima, cultivar, arar) são vocábulos de origem banta, que por volta do final do século XIX se expandiu para região do Oeste Paulista e posteriormente para Paraíba do Sul, que nesse momento já havia um nítido crescimento da produção do café as proximidades da cidade do Rio de Janeiro, como Vassouras, Resende, Valença, Cantagalo, Bom Jardim.

A mestiçagem de acordo com Viana (2007) é um tema recorrente no pensamento social brasileiro desde o século XIX, momento que os debates sobre a construção da nação em meio a um intenso diálogo com teorias e visões importadas da Europa, certamente ligadas à noção de diferenças baseadas nas “raças”. Assim, nesse contexto a mestiçagem era vista como sinônimo de degeneração e inferioridade. Ainda na concepção europeia, a mestiçagem era um fenômeno perigoso. A antropologia cultural ou etnológica social, numa abordagem evolucionista, os teóricos simpatizantes da discussão através do método comparativo, via o homem através de estudos comparativos que o mesmo poderia chegar ao crescimento sociocultural, os estudiosos dessa corrente são: Morgan, Tylor, Frazer, de acordo com a citação abaixo exemplifica como os estudos desses teóricos se voltavam ao povo negro: “Em todas as partes do mundo a cultura teria se desenvolvido em estados sucessivos, caracterizados por organizações econômicas e sociais específicas”. (SCHWARCZ, 1993, p.75).

Percebe-se que a teoria do método comparativo, a população deveria passar por estágios evolutivos, portanto, as escolas se classificam das seguintes formas:

- Escola determinista geográfica, os pensadores, Ratzel e Buckle, acreditavam em que o desenvolvimento cultural de uma nação seria totalmente condicionado pelo meio, levava em consideração a análise das condições físicas de cada país.
- A segunda escola determinista de cunho especificamente racial, com abordagem Darwinista, ou teoria das raças, essa nova perspectiva via de forma pessimista a miscigenação, já que acreditava que “não se transmitiriam características adquiridas” (SCHWARCZ, p.78)

As “raças constituiriam fenômenos finais, resultados imutáveis, sendo todo cruzamento, entendido como “erro”, cujos postulados tinham como objetivo enaltecer a existência de tipos ideais “puros”, logo não sujeito a processos de miscigenação”. De acordo com Silvio Romero citado por Schwarcz, acreditava que a mestiçagem seria uma possível homogeneidade nacional, a condição de existência de um grupo étnico definitivo no Brasil.

O mestiço seria o produto final de uma raça em formação. Assim, encontrava-se na mestiçagem o resultado de luta pela sobrevivência das espécies. Posteriormente, outra

abordagem para justificar um racismo ao povo negro, vem da teoria do branqueamento, cujo entendimento se apresentava de uma peculiaridade ambígua; via na mestiçagem um mal que deveria ser extirpado.

Outro entendimento seria uma solução para a questão Nacional brasileira, os simpatizantes dessa teoria baseavam seus entendimentos onde a miscigenação não produziria “degenerados” mas uma população mestiça, sadia, capaz de tornar-se sempre mais branco tanto cultural como fisicamente. Contudo, ao final do século XIX até meados do século XX foram tantas discussões a respeito da questão negra, uns criticando outros trazendo saídas diversas às concepções biológicas que predominaram aproximadamente até 1930.

Gilberto Freyre comungava também com essa discussão, intelectual nacional mais divulgado e conhecido no exterior tão marcado pela influência conservadora e regional do nordeste açucareiro. Freyre tinha uma visão mais adocicada da situação racial, fazia comparação com os negros norte-americanos. Sua grande contribuição foi trazer as discussões novos elementos de interpretações. De acordo Schwarcz a análise de Freyre passa pela valorização, onde se leva em consideração analisar as heranças não somente a herança africana, mas outras raças, o resultado possibilitaria uma nova raça para essa sociedade multirracial (europeia/ africana e indígena).

2 | A RELIGIÃO: INSTRUMENTO DE AFIRMAÇÃO DE UMA IDENTIDADE

A partir dos anos 50 do século XX as discussões no que se refere à questão racial, torna-se um elemento central aos interesses intelectuais no Brasil. A UNESCO passa a financiar pesquisas aos cientistas sociais como: Florestan Fernandes, Roger Bastide dentre outros, cuja discussão passa a ser analisado por esses pesquisadores da seguinte maneira, o negro era visto como grupo minoritário e os obstáculos enfrentados eram grande, a participação na sociedade brasileira se afastava da discussão de um modelo da Democracia racial.

Os atores acima citados desenvolveram suas pesquisas e tiveram como resultados: os negros acometidos de profundas diferenças de exclusões sociais. Os estudos também tiveram como leque de abertura para que outros pesquisadores viessem discutir a relação da religião negra. Assim, R.Ortiz vem contribuir correlacionando a formação da religião Umbanda com a emergência e a consolidação da sociedade de classe no Brasil.

No período de 1950 a 1960, havia uma dissidência no que se referem às discussões dos negros, os que acreditavam na democracia racial/ Embranqueamento, considerados “alienados” e o “novo negro” discutidos por Fernandes, Bastide, onde os mesmos eram consciente de sua cor e de sua discriminação. Portanto, as discussões em volta de encontrar um posicionamento de classificar e justificar o ser humano negro, discussão que fica mais acirrada nesse momento, cujo mito da Democracia racial deixa de ser primado para ser discutido ou referenciado uma democracia cultural. E a partir daí vir à tona a discussão da discriminação racial a partir de organismos organizados como o Movimento Nacional Unificado (1978), que representa realmente algo de novo no sistema político.

Contudo, ao final do século XIX foi considerado um momento de grande visibilidade de exclusão no que se refere à afirmação de uma identidade negra. Decerto que, a partir da década de setenta se observa a formação dos mais diversos grupos socioculturais

espalhados pelo Brasil, momento rico politicamente, onde os negros passam a contestar a sua própria condição no que se refere à teoria do “embranquecimento”. Desse modo, novos direcionamentos paradigmáticos se discutem em busca de uma identidade que resgate a cultura desse povo, pois não se pode pensar em uma identidade nacional brasileira sem pensar a contribuição das diferentes expressões religiosas, (COSTA, 2017, p.85). Conceituando identidade de acordo com o poeta Nei Lopes:

É um conjunto de características que distingue e individualizam um ser, um objeto, um grupo, uma coletividade. A identidade de uma escola de samba se traduz por suas cores ou por outras de suas características (Lopes, 2017, p.145).

De acordo com a citação, é bem verdade que as discussões da identidade brasileira foram construídas através de um imaginário cultural e religioso numa relação da abordagem da democracia racial brasileira cultural e posteriormente, foi pensada enquanto política, vista como afirmação das diversas identidades que formaram a nação brasileira. Mas não se pode discutir uma identidade sem levar em consideração os elementos que compõem uma comunidade que a chamamos de cultura, sendo um conjunto das tradições técnicas e instituições que caracterizam um grupo humano, pois o mesmo só existe pelo acúmulo de elementos culturais. Assim, a identidade pode ser atribuída diversas fontes de significados e experiências que culturalmente representam um povo. (CASTELLS, 1999, CALHOUN apud p. 22).

Contudo, no pensamento de Castells não existe um povo ou uma comunidade que não tenha nome, ideologia ou cultura, motivo pela qual a identidade se manifesta distintivamente entre o eu e o outro nós e eles, uma vez que o auto reconhecimento torna-se imutavelmente uma reconstrução de significados com base em um atributo cultural, um conjunto de características, culturais inter-relacionados, os quais prevalecem sobre outras fontes de significados (p. 23).

Para essa abordagem sobre o canto de Clementina de Jesus, partimos de dois teóricos como método que irá fundamentar a seguinte interpretação, cujo canto foi uma afirmação para socializar uma cultura manifestada artisticamente a partir da observação de um contexto em que surge uma rede de significados que correlacionam manifestações com as organizações sociais da comunidade a que pertence. Correlacionar os objetos da arte africana com os objetos brasileiros e o que significam os mesmos (objetos), bem como representação, através dos símbolos que os contem: Através, do texto *Religião e Linguagens: Abordagem Teóricas interdisciplinaridades*, do autor Nogueira, cuja contribuição do texto é lê o que se vê em uma imagem que reflete a sua própria imagem, o eu sendo visto e ao mesmo tempo esse “eu” se enxergar”, ou seja, “eu me enxergo assim”. Nada melhor do que o canto para exteriorizar e mediar uma identidade efetiva.

Bourdieu (2002) que na obra intitulada *“Os usos sociais da Ciência por uma sociologia clínica do Campo científico”* vem fazer uma abordagem onde se leva em consideração que todas as produções culturais apresentam um campo seja na filosofia, na ciência, na arte, enfim passa pelas disciplinas e cada uma apresentará seu campo específico. Logo, todo esse campo se encontra em oposição, considerados irredutíveis para determinado objeto de estudo, ou melhor, parte de um entendimento que deve ser levado em consideração que em um contexto social é necessário que se parta de uma análise de um campo específico

que ele vai considerar como um período intermediário - espaço autônomo, visto como microcômico, onde a este campo são atribuídos elementos sociais e estruturantes que compõem uma sociedade.

O referido autor exemplifica sua teoria partindo do entendimento onde: para entender uma produção cultural seja qual for é importante que se analise o texto e o contexto é o que ele irá chamar curto circuito, entre o curto e o circuito há um campo que vai mediatizar aquela ação.

Todo campo é um campo de forças e um campo de luta para conservar ou transformar esse campo de força. Pode-se num primeiro momento, descrever um espaço científico ou um espaço religioso como um mundo físico, comportando as relações de força, as relações de dominação. (BOURDIEU, 2002, p. 33).

Partindo do entendimento da citação acima, apesar do autor fazer uma analogia das relações sociais de maneira dialética, especificamente no campo mediado por processo econômico, cabe à interpretação dos objetos de estudos uma aferição que passe pelo universo de outros campos científicos, no qual, encontramos os elementos e as instituições que produzem e reproduzem ou difundem uma arte seja qual for o universo e campo a ser investigado. Assim, correlacionando com o objeto de pesquisa aqui investigado vejo que todo campo pode ser considerado um fenômeno que comporta lutas seja de conservação ou de modificação com o propósito de transformar determinado campo de força.

É nesse sentido que o sagrado de Clementina de Jesus, através do canto percorre espaços, tempos como afirmação de um significado religioso. É interessante que o espaço e o tempo encontram se inseridos os agentes sociais numa estrutura em posições que dependem do seu capital e desenvolvem estratégias que dependem, elas próprias em grande parte, dessas posições, nos limites de suas disposições. (BOURDIEU, 2002 p. 23).

3 | O SINCRETISMO RELIGIOSO NO CANTO DE CLEMENTINA DE JESUS

O ser humano apresenta características de caminhar em busca de variáveis que dê sustento a coisas que a cercam de sentido enquanto ser, sendo materializado através de significação com os mais diversos símbolos e momentos, assim entendemos que nessa busca sempre mutável se faz presente a identidade religiosa, bem como o que entendemos como cultura, como diz Max Weber (2009) "*O homem é um animal amarrado a teias de significações que ele mesmo tece...*", assim podemos atribuir a cultura um resultado dessa construção de significação. Logo, compreendemos que a identidade passeia pelas significações, como adereços que utilizamos para compor um corpo, ou seja, a identidade tende acompanhar o indivíduo, todavia, torna-se um elemento de sustentação que irá percorrer tempo e espaços dando sentido e resignificando uma memória.

Portanto, identificamos na contemporaneidade uma crise de identidade, mas será que persiste a crise? Ou o contexto que se apresenta favorece tal entendimento? De acordo com Stuart Hall que vem fazer uma discussão e aponta reflexões a respeito da temática.

É nesse sentido que entendemos que a identidade de um indivíduo passa pelos costumes de uma comunidade que posteriormente esses mesmos costumes são legitimados pela sociedade através de convenções, que de uma maneira bem simples a

caracterizamos como cultura. Assim conceituamos identidade como: “A identidade somente se torna uma questão quando está em crise, quando algo que supõe como fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza” (MERCER, 1990, apud HALL).

Mas, Hall vem se posicionar de maneira contrária, de acordo com o seu pensamento são as mudanças da modernidade que favorecem uma necessidade de se buscar uma identidade. Contudo, numa perspectiva sociológica fica bem mais complexo tal entendimento, levando em consideração que no mundo moderno os sujeitos não são autônomos de suas consciências, ora os sujeitos não são autossuficientes, há um contexto que te conduz a uma relação mediada com o outro, sendo envolvidos através de valores, sentidos e símbolos, ou seja, a cultura dos mundos que os cercam e, é nesse “mundo” que precisa ser contemplado garantindo um espaço entre o interior e o exterior de um indivíduo.

Portanto, à medida que o indivíduo busca subjetivamente um espaço objetivo, o sujeito assume uma identidade que caminha em diferentes direções, de tal maneira que entendemos que a mesma acompanha os movimentos dos sujeitos. Assim, podemos compreender a identidade de Clementina de Jesus, os espaços por onde ela passou e conseqüentemente a construção dos mesmos, onde se afirmou enquanto sujeito. Nesse mesmo entendimento, Anthony Giddans vem contribuir para essa reflexão quando ressalta que “nas sociedades tracionais, o passado é venerado e os símbolos são valorizados, pois contêm e perpetuam as experiências de gerações”. A tradição é um meio de lidar com o tempo e o espaço inserido em quaisquer atividades ou experiências particulares na comunidade do passado, presente e futuro, os quais são estruturados por práticas sociais recorrentes. (GIDDENS, 1990, p. 37).

Dessa forma, Clementina de Jesus, representa bem essa construção dos sujeitos, na busca de uma identidade. Residia no bairro onde moravam pessoas que mantinham vivas as manifestações culturais da religião, como Dona Martinha, Dona Nenè, Dona Doroteia e Mané pesado, este último considerado mestre das macumbas do local. De acordo com o livro *“Paulo da Portela”* A cultura de Osvaldo Cruz era a mais influenciada por padrões rurais. As festas no início dos anos de 1920 eram animadas pelo Jongo e Caxambu. Clementina também escutou pontos de trabalho, cantigas e participou de festas de pagode de São Cosme e São Damião. Os anos 20 do século passado marcaram um envolvimento acentuado da cantora com as festas populares e religiosas de matriz africana, a citação a seguir ressalta a participação da cantora nesses grupos:

Conheci Doroteia em Osvaldo cruz, tinha o Manoel Ban, Bam Bam e o Mané pesado, que era de Jacarepaguá e ia pro Jongo. O Mané Pesado dava comida a sete cachorros, só depois era servida comida para o pessoal que se encontrava nas festas. O ritual se referia a uma homenagem a São Lázaro Santo do catolicismo em sincretismo com Orixá Omulu, e geralmente feita em pagamento de promessas. (CASTRO, 2017).

O referido autor cita o antropólogo Sérgio Ferretti no livro *“Repesando o Sincretismo”*, referindo-se que na Casa das Minas no dia de São Sebastião, dentro da festa de Acoosi Sapata, o rei da terra, que protege contra doenças e contra a peste, equivalendo a Obaluaiê, Omulu ou shapatã entre os Nagôs. O banquete dos cachorros é realizado na tarde do dia 20 de janeiro.

No livro *“Clementina, Cadê você?”*, a Dona Eulália do Nascimento, a tia Eulália, também falam sobre estas festas: “as moças vinham servirem os cachorros com vestido branco, turbante branco e aquela toalha amarrada. Elas ajoelhavam perto da mesa e serviam a comida, também botavam um vinho bem fraquinho misturado com água, aí Mané Pesado cantava o ponto de “Obaluaíê”. Os tambores já estavam preparados e o pessoal estava no ritual deles. Ele cantava e todos cantavam. Enquanto isso, “os cachorros comendo e a gente olhando” (CASTRO, 2017).

Para o autor acima, o Jongo foi uma manifestação popular muito presente na vida de Clementina de Jesus, considerada pela maioria dos pesquisadores que se debruçaram no assunto, como uma dança profana ou semirreligiosa. O livro do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) compreende como “uma forma de expressão que integra percussão de tambores, dança coletiva e elementos mágico poéticos”, tendo suas razões nos saberes, ritos e crenças dos povos africanos, sobretudo os de língua banto. (CASTRO, 2017, p. 48).

É nesse sentido que verificamos, que as festas da região onde a cantora nasceu e residiu por muito tempo – Valença contribuíram consideravelmente para seu vasto repertório cultural, e, sobretudo, quando teve oportunidade de socializar parte de sua memória. Assim, década de sessenta foi o grande momento da cantora com as músicas de Jongs, Sambas e Corimas que acabaram sendo registrado ao longo dos onze álbuns que ela gravou no decorrer de sua carreira. Contudo, de acordo com o compositor e pesquisador Ney Lopes, em sua Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana, o termo Corimba tem sua origem do quimbundo Kuimba e está relacionado aos cantos de Umbanda, assim a cantora costumava chamar curimba de curima. Outra situação para que possamos interpretar para tal discussão é a religiosidade da mãe da cantora, levando em consideração que a senhora Amélia, mãe de Clementina, onde foi relatado em seu livro *“Clementina cadê você? A mesma chegou a informar que a mãe era rezadeira e que garantia aos moradores do bairro, certo alívio as “dores”, tirava mau-olhado, consultava os nervos torcidos e tirava quebranto”, Amélia não se utilizava de seus dons como fins comercial, mas as pessoas agradeciam pela reza e a ofereciam alimentos.*

Como podemos observar Clementina conhecia os ritos da religião, levando em consideração que residia próximo ao terreiro e a dona da Instituição já ouvia o cantar da cantora, o que favoreceu para que fosse convidada a cantar no terreiro sendo responsável para puxar os pontos de trabalho, ritual presente na religião quando inicia os pontos de chamada de encantados para iniciar determinada “chamada” ou festejo grande, chamado também por afrorreligiosos como baiá ou tereco, primeiramente canta-se para o orixá Exú, senhor de todos os caminhos e quem leva a mensagem para os demais orixás, denominada também de o grande mensageiro, e depois se canta para as demais divindades, ressaltando que cada casa de santo apresentam particularidades em relação à estrutura do ritual como um todo.

A cantora informa ao (MIS – RJ) que gostava das festas e dos rituais, mas não “acreditava”. Clementina de Jesus chegou a batizar a filha Laís no terreiro da senhora Maria Nenén, e gostava das coisas bonitas do mesmo. Segue a letra de uma Corima “ponto de trabalho”, cantado por ela.

Beira – mar, auê, beira mar

Beira – mar, auê beira mar

Ogun já jurou bandeira

Na porta do Humaitá

Ogun já jurou bandeira

Vamos todos Saravá (...)

Ogun já jurou bandeira

Na porta do Humaitá

Ogun já venceu demanda

Vamos todos Saravá

(<https://www.musicasamba.com/clementina-de-jesus/cade-voce/beira-mar/>)

Outro ponto de trabalho da religião que Clementina chama de Corima:

Bendito louvado seja, o ganga,

O rosário de Maria

No mundo já era noite, o ganga

Lá no céu parece dia.

(<https://www.youtube.com/watch?v=7UqXK-NRGI0>)

Como podemos perceber não entendemos como que Clementina de Jesus não pertencia à religião! Visto que em suas corimas ela cita divindades da religião e termos próprios dos pertencentes do culto afro religioso, tais como, o termo demanda que significa trabalhos feitos e quando se louva para o orixá, o mesmo vem vencer tal demanda, ou seja, destruir ou acabar com determinado mal. Dessa forma, como em depoimento a MIS- RJ, a mesma socializa também que chegou a participar de rituais como de fechamento de corpo no Candomblé:

Eu estava na casa de minha comadre, uma cerimônia muito bonita que ela faz, no primeiro dia do ano; meia noite. Todo mundo foi fazer a seita, essa obrigação. Diz que era para fechar o corpo. Aí todo mundo levou uma cruz no peito. A minha está bem visível, na mão, dá pra ver de longe, nas costas e no peito dos pés. Dizem que era pra fechar o corpo (...). (CASTRO, 2017, p. 49).

Portanto, como podemos evidenciar esses cortes são ritos específicos da religião de origem africana, ressaltando que em algumas casas de santo o ritual pode ser feito com ervas, de acordo com a filosofia da religião o rito diferencia de casa para casa, os cortes, normalmente são dois lado do peito, na costa e nos braços e visa à proteção, para que nenhum mal possa lhe acontecer ou entrar no corpo do laô.

Assim, nos relatos acima, onde Clementina de Jesus expõe seu conhecimento no que se refere ao ritual de um trabalho na religião afro-brasileira, se conclui que a religião estava em sua “alma”, levando em consideração que se ela fez um ritual para fechamento do corpo, interpretamos que a cantora seria “rodante”, ou seja, alguém de mediunidade para o ato da incorporação, o que refletimos que é algo difícil de aceitar quando se carrega um dom, pois há uma cobrança das divindades e se você não cuidar devidamente dessa mediunidade acaba-se perdendo o controle do próprio corpo e na maioria das vezes sendo pego de surpresa pelas divindades, o que faz parte de toda uma história de afirmação e aceitação religiosa.

Falar de Clementina de Jesus é relembrar uma profusão de resíduo desse segmento específico étnico. A mesma foi responsável por apresentar um povo, com uma cultura carregada com um colorido, especialmente a figura da cantora com os estudos em volta de sua personagem vista por muitos críticos como: seu descobridor Hermínio de Carvalho; Turíbio Santos; João Bosco; Pixinguinha; dentre outras figuras responsáveis por essa amalgama que a chamamos de cultura brasileira, bem para esses críticos a cantora chega a ser vista como um símbolo místico, quase divino pela responsabilidade de contribuir para afirmação de seu povo, seja os ascendentes ou os presentes.

Clementina de Jesus considerada uma cantora de grande relevância por apresentar em seu canto uma voz de tonalidade rústica, considerado o que tem de mais primitivo em sua música, a sutileza como canta. É nesse sentido que o destaque vem quando a cantora foi convidada em 1966 a se apresentar no Festival de Artes Negras de Dacar, no Senegal, no encontro esteve ao lado de outros bambas como o cantor Martinho da Vila e artista como Rubem Valentin e no mesmo ano, ela representou o Brasil no Festival de Cinema de Cannes, na França, sendo recebida com muita admiração, foram tantos momentos surpreendentes em sua carreira que não poderia ficar de fora a Amazônia, assim, a cantora canta Abaluaiê , música de gênero erudito de Waldemar Henrique, está associada de forma á religião afro-brasileira nos espaços amazônicos, na canção há a presença do senhor da vida e da morte, também chamado o médico dos pobres, que a ele recorrem em suas doenças e enfermidades.

Em sua festa, o Olubajé, convida a todos a comerem a comida “votivas” de todos os orixás que se constitui na cura para todos os males. Assim como Atotô – saudação que significa “acalme-se”. As roupas do orixá são encobertas por palha titã da costa, provenientes da Costa da Mina. A música de Waldemar Henrique cantada por Clementina de Jesus se encaixa bem ao seu enigma religioso e referência a Amazônia com seus mistérios simbólicos, ritualísticos e especificamente mágicos, um sincretismo que apresenta

diversidades culturais na Amazônia.

Dessa forma, é nesse sentido que faço referência a Manoel Moraes (2017) em sua obra intitulada como “*A Dimensão Teórica dos Estudos da Religião: Horizontes Histórico, Epistemológico e Metodológico nas Ciências da Religião*”, o mesmo irá fazer uma discussão das áreas do conhecimento numa perspectiva que contempla a interseção com outros conhecimentos que na atualidade a denominamos como conhecimento científico visto de forma complexa.

Na modernidade com os avanços técnicos científicos, os estudos e as reflexões tendem a modificações em todo um sistema teórico, mas o que seria na contemporaneidade a razão humana? Percebe-se que a mesma se manifesta de acordo com uma necessidade filosófica, teórica e prática, de maneira que o conhecimento científico nasce a partir de um momento de crise de um contexto e para superá-lo é necessária à mobilização, a articulação que venha convergir para uma mudança. Nesse mesmo pensamento, o conhecimento religioso faz parte dessa dialética: intersubjetivo e subjetivo, de maneira que sua construção é tecida pelas disciplinas, pela necessidade de desvelar elementos teóricos.

Assim, por muito tempo acreditou-se nesse conhecimento científico, setorizado, particularizado, mas a partir do século XX é marcado pelo entrecruzamento dos estudos científicos passando pela interdisciplinaridade para se chegar à complexidade. O horizonte das Ciências Humanas aponta para a condição humana de socialização e cultural, assentadas em um processo de significação e práxi, sendo o conhecimento religioso também inserido nesse contexto.

Sendo assim, estudiosos no assunto discutem uma Ciências da Religião, ou seja, a compreensão da religião interagindo com as disciplinas de maneira significativa para tal. A interação pode estar no diálogo, ou melhor, buscar interagir-nos diferentes segmentos dos saberes do conhecimento, assim, torna-se necessário uma reflexão através de uma práxi que venha dá resposta ao fenômeno, por exemplo, o fenômeno religioso. A práxi já era citada pelos Gregos como uma atividade que une tanto a teoria quanto a prática, logo a compreensão da religião e o sujeito inserido nessa compreensão é uma atividade que oferece possibilidades de uma correlação intencional.

Portanto, a metodologia dialógica, nos ajuda a pensar e compreender as várias formas de enxergar a realidade, porque a realidade é posta mediante diferentes contradições. Logo, determinada realidade pode ter sido adquirida através de uma realidade já existente. (BOFF, 1997).

É nesse sentido que a cantora quando inicia sua carreira enquanto pastora, ali abria espaços para uma afirmação, talvez não pudesse naquele momento evidenciar sua cultura religiosa, pois à época, início do século XX a religião dominante era a católica, como os negros já sofriam de estigma em seus valores desde a vinda para o Brasil.

É dessa forma e, assim a cultura do branco só reforçava e via na religião do outro como uma religião pertencente aos “demônios”, talvez a própria cantora já inserida em um contexto, tornava-se cômodo não ouvir dos brancos a desvalorização dos seus elementos culturais? Ou como já mencionado uma dupla pertença, pois ao virem para outras localidades que não a sua terra natal foram batizados. Logo, seria mais plausível dar continuidade a uma identidade que aos poucos ia se libertando do passado? Passado

o qual foi presente na sua constituição enquanto ser humano.

Buscando o pensamento de Bourdieu, o autor em sua abordagem vem fazer uma analogia das relações sociais de maneira dialética, especificamente em um campo mediado por processo econômico, cabe à interpretação dos objetos de estudos uma aferição que passe pelo universo de outros campos científicos, no qual, encontramos os elementos e as instituições que produzem e reproduzem ou difundem uma arte seja qual for o universo e campo a ser investigado. Assim, correlacionando com o objeto a ser investigado de pesquisa vejo que todo campo pode ser considerado um fenômeno que comporta lutas, seja de conservação ou de modificação, com o propósito de transformar determinado campo de força.

É nesse sentido que o sagrado de Clementina de Jesus, através do canto percorre espaços, tempos como afirmação de um significado religioso. Cujo espaço e o tempo encontram-se inseridos os agentes sociais numa estrutura em posições que dependem do seu capital e desenvolvem estratégias que dependem delas próprias em grande parte dessas posições nos limites de suas disposições. (BOURDIEU, 2002 p. 16/25).

Outra contribuição para essa compreensão vem da professora Valdenice José Raimundo, ela em sua obra *“Mulher negra: inserção nos movimentos sociais feministas e negro”* vem colaborar no sentido que, a pesquisadora em seu trabalho demarca historicamente a inserção das mulheres negras nos movimentos populares feministas, analisando e conceituando o termo na visão de vários autores, especificamente a contribuição para tal entendimento é que os movimentos se constituem não necessariamente daqueles que se encontram legalmente constituídos, mas sim, aqueles que se pré- dispõe de forma espontânea, que pode ser através de grupos ou como individualmente, cujo movimento que se dá de forma espontânea às vezes nem sabe que está avançando politicamente para uma transformação. (RAIMUNDO, s/d).

4 | AS FESTIVIDADES RELIGIOSAS RESSIGNIFICANDO UM POVO

Clementina de Jesus nasce em uma cidade, onde os diferentes elementos que compõem os espaços favorecem para a construção de um tradicional reduto de tocadores, dançadores e religiosos, assim o Vale do Paraíba teve esses atributos, levando em consideração o processo que se deu ainda na formação do Brasil, não somente os migrantes em busca de melhores condições de vida, mas o traslado das romarias que acompanhavam o percurso do trem e desciam até ao vale.

Foram dessa forma que as festas religiosas conhecidas também como folguedo, apresentadas geralmente, nas festas juninas para homenagear São Benedito e comemorar o 13 de maio, data que marca a abolição da escravatura no Brasil. A coreografia mais comum apresentada é o de roda, os folguedos também conhecidos como as danças de Jongo, porque mais tarde as festas tomaram características que envolviam as danças, cuícas (puíta ou angoma-puíta) e chocalhos (guaiás) feitos com latas usadas ou folhas-de-flandres. As cantorias são chamadas de pontos e são puxados por um solista, ou jongueiro, outra característica apresentada pelos participantes do grupo, era o canto improvisado, que poderiam os participantes criticar a sociedade vigente, como o improvisado era muito rápido, somente os presentes compreendiam a mensagem, as críticas ao sistema eram uma característica do ritmo que dava satisfação e bem estar.

De acordo com Carvalho, no período que vai do início ao fim do século XVIII a região de Minas Gerais, especificamente nas minerações era comum os negros cantarem durante o trabalho, os chamados cantos de força ou cantos de trabalho, Vissungos, o termo encontra-se bem retratado na figura XLII dos Riscos Iluminados de Carlos Julião¹, produzidos ao final do século XVIII e publicado por volta do século XIX, com o declínio da mineração na região, o vissungo, tornou-se uma tradição de canto ritual.

E as letras das músicas, Carvalho faz uma comparação com as músicas de umbanda que para algumas divindades tais como: pretos velhos e pretas velhas dramatizam as letras das músicas no diminutivo, indicando um quê de subalternidade, autoestima baixa, covardia, dentre outros estigmas.

Vissungo cantado por Clementina de Jesus,

láuê ererê aio gumbê

Com licença do Curiandamba

Com licença do Curiacuca

Com licença do sinhô moço...

(<https://www.youtube.com/watch?v=gil3Mw32OnU>)

No trecho da música cantada por Clementina de Jesus o que se observa é que nesse Vissungo Curiandamba e Curiacuca, ambos são considerados seres sobrenaturais na religião afro-brasileira, como o Exu / Bara ou Legba. De acordo com o rito o trecho pede licença, encontram-se elementos que une os mundos seja sobrenatural ou natural, numa relação religiosa e sócio-cultural, por outro lado á referência às hierarquias superiores. Observa-se no citado a grande presença da religiosidade no verso acima e o cuidado em estabelecer o respeito aos espíritos como se realiza nos rituais de origem africana, como é o caso do Candomblé e Umbanda.

O canto apresenta seres sobrenaturais que indicam caminhos abertos a serem seguidos de forma que sejam apaziguados os possíveis conflitos que por ventura viessem surgir com os negros no trabalho nas minas. Assim de acordo com o citado a respeito da cantora Clementina de Jesus, pertencente ao grupo étnico bantu. Os bantus constituem um grupo etnolinguístico localizado principalmente na África subsariana e que engloba cerca 400 subgrupos étnicos diferentes. Etimologicamente essas línguas possuem características comuns, bantu (plural)- designar “pessoas” e seres “humanos” o singular é (muntu), portanto a trajetória dos bantos são caminhos para compreendermos o processo de formação de muitos povos africanos.

Contudo, hoje se tem informações através de estudos que há uma grande

1. Carlos Juliani, pintor, desenhista, engenheiro, militar, 1740 a 1 811, relatos de suas viagens, entre 1763/ 1781, China, Índia e ao Brasil. O álbum registra suas três viagens, recebe o título de Notícias Sumária do gentilismo da Ásia com dez riscos Iluminados/ ditos de figurinhos de brancos e negros dos Usos do Rio de Janeiro e Serro do Frio/ Dito de vasos e tecidos Peruvianos, integram o álbum de 43 aquarelas que registram grupos sociais e cenas de costumes no Brasil.

quantidade de Países da África que falam a língua banta: Camarão, Gabão, Congo, República do Congo, Uganda, Quênia, Moçambique, Angola, África do Sul, Namíbia, Botsuana, Zimbábue, Suazilândia. Portanto, observa-se que por conta desses arranjos linguísticos, podemos elaborar diferentes constituições de entendimento no que se refere à religiosidade de Clementina de Jesus, contudo a citação abaixo retrata bem essa situação:

Os negros do Brasil foram trazidos principalmente da costa ocidental africana, distinguindo-se quanto aos tipos culturais Sudaneses, é representado, pelos os grupos yorubás, chamado nagô, pelos Dahomey, designados geralmente como gegê, e pelos fanti- Ashanti, conhecidos como negros minas, além de muitos representantes de grupos menores da Gambia Serra Leoa, Costa da Malagueta e Costa do Marfim. O segundo grupo vindo para o Brasil que trouxeram culturas africanas islamizadas, especificamente os Peuhl, os Mandigas e os Haussa, do norte da Nigéria, identificados no Brasil como negros male e no Rio de Janeiro como ahufá. Já o terceiro grupo a vir para o Brasil carregando sua cultura integrados pelos Bantus, do grupo Congo-angolês proveniente da área, hoje compreendida pela região de Angola e a Contra Costa, Moçambique. (RIBEIRO, 2006, p.102).

Nesse sentido, buscamos analisar os vestígios dessa mitologia provenientes dos sudaneses, podemos evidenciar que os negros trazidos para o Brasil pela escravidão e que foram desembarcados em Salvador- Bahia se firmou da seguinte forma, o grupo sudanês não foi o maior, mas o mais consistente do ponto de vista cultural, em virtude do seu nível social “ ser superior” aos dos outros grupos sudanêses, bem como os bantus que chegaram ao Brasil, sendo do grupo étnico nagô, considerados mais desenvolvidos, eram aproveitados de preferência nos meios urbanos e muitos deles exerciam tarefas que exigiam conhecimentos específicos, como mestre de obras, músicas, alfaiate, a língua falada era a yorubana, acredita – se como culturalmente eram mais desenvolvidos, conseqüentemente o idioma foi imposto aos demais grupos, bem como no que se refere a religião.

Mas o interessante nessa análise que os demais grupos ao adotarem o idioma dos nagôs, talvez porque fosse mais acessível à interpretação com os outros grupos, de acordo com o historiador do século XIX, Varanagem, a língua que se falava era o nagô, língua geral dos escravos negros. Ressaltando que as entidades míticas foram incorporadas ao Candomblé, hoje faz parte da mítica brasileira, com diversas denominações: citaremos algumas mais corriqueiras e em seguida correlacionaremos com os dados já citados sobre sua religiosidade manifestada em seu canto.

Olorun - o deus supremo, reconhecido aqui no Brasil, no início do século XX;

Obatalá – variantes: orixalá, orixá, guinar, gunocô, hoje é considerado o mais importante dos orixás. É a personalidade do céu de forma andrógina, o seu fetiche é representado por conchas e limão verde dentro de um círculo de chumbo, é cultuados as sextas- feiras e a ele se sacrificam a cobra e o pombo. Na sua expressão sincrética com a religião com a religião cristã é identificado popularmente a nossa senhora do Bom fim.

Odudua – orixá nagô já modificado

Ogun – variante Ogun-de-lê, Ogun Mejê, é o orixás das guerras e das lutas é cultuado as terças- feiras , o seu fetiche é chamado “ferramente de Ogum (espada, lança) os animais que são sacrificados: galo, bode, a galinha d/angola e o carneiro, identificam em geral, a São Jorge e, outras vezes, a Santo Antonio.

Contudo, observa-se na leitura da enciclopédia volume IV, cuja cultura ioruba (nagô) exerceu realmente enorme influência sobre todos os grupos negros. Assim, quando Clementina de Jesus busca para o seu canto a memória de sua mãe, a senhora Amélia que cantarolava em iorubá, compreende que seus ancestrais de origem banta assimilaram-se ao idioma dos nagôs, talvez uma forma de fortalecer uns aos outros, através da comunicação, ali poderiam ser tiradas ações de fugas, e outras diretrizes de pertencimento. Posteriormente esses grupos migraram para outros Estados o que comprova a mãe da cantora apresentar familiaridade com o idioma iorubá. Dessa forma, de acordo com o naturalista do século XIX, Von Martius, deixaram visíveis expressividades. A visibilidade dos números dos grupos Bantus foi tanta que chegou a se pensar que só existia negros Batuns no Brasil. (VON MARTIUS et al . p. 1763).

Vamos voltar para o início da discussão a qual estou me propondo, identificar, que nas danças do Jongo, Caxambu e Corimas há a presença da religião afro-brasileira. Não há dúvida que embora demograficamente menor o grupo sudanês, os nagôs, sobretudo influi sobre a mítica banta dos escravos negros do Brasil, cuja religião sofre, consideravelmente, a aculturação com o idioma dos grupos nagô, talvez, pelo fato de quando chegaram aos portos de Salvador-Bahia, já chegaram com ideia de organização e resistência e, é demonstrada mediante aos outros grupos que aderiram à língua nagô, acredita-se como era o idioma que a maioria dos negros de outros grupos étnicos, inclusive os bantos aderiram, foi uma maneira de fortalecer a nação África, era a única opção que os mesmos tinham em terreno alheio, ou pelo fato do idioma possibilitar a comunicação? Bem é provável que desde a chegada desses povos a maneira mais acertada de manter as “suas religiões” tenha sido pela maneira sincrética.

Portanto, foram as mais diversas estratégias que os mesmos tentaram manter coesas as informações entre eles. Na contemporaneidade observamos esse sincretismo nas “macumbas e candomblés”, assim evidenciamos essa informação no termo Obatalá que tem sua variante, orixalá ou Oxalá, considerado o mais importante da divindade da religião afro-brasileira, bem como a relação com a religião cristã com nossa senhora do Bomfim, culto que é preservado com os seus elementos rituais. Outra evidência a ser considerada é a divindade, Ogum – variante Ogun-de-lê, Ogun Mejê, é o orixá das guerras e das lutas é identificado em geral, a São Jorge e, outras vezes, a Santo Antonio. O interessante que na década de sessenta quando a cantora passa a ter visibilidade, uma das corimas que ela canta se refere ao orixá Ogun-de-lê, Ogun Mejê.

Como vimos nas informações, à cantora, quando jovem circulou nas festas de cunho religioso cristão, uma ou outra vez cantava lembranças de seus ancestrais, mas é somente na década de sessenta em diante quando foi descoberta é que teve apoio do seu descobridor, o cantor e compositor Hermínio de Carvalho, que Clementina externaliza, através do canto o que se encontrava “preso” ao longo de sua vida.

Fazer uma abordagem a respeito da religiosidade da cantora Clementina de Jesus é um pouco passar pelas ciências da natureza, neste caso a filosofia enquanto ciência especulativa ou reflexiva, não importa a denominação, mas entende-se que ela é uma ciência que nos leva a compreender o ser humano e os elementos da própria natureza que os cercam, estando em sintonia com os fenômenos religiosos, sendo a religião condutora de um sentido, avança e toma proporções independentes, através da arte, sendo materializada

com ritos, mitos e símbolos. É nesse sentido que quando Manoel Moraes cita Hegel (1990) o autor apresenta uma concepção que a religião compõe uma aspiração do espírito, não se distanciando dos conhecimentos filosóficos, logo a filosofia só vem contribuir para um despertar de como os caminhos para uma compreensão religiosa se manifestam.

Portanto, a religião de uma maneira indireta expressa uma transcendência objetiva de si para um campo exterior, ou seja, o ser humano cria significações próprias ou inerentes a sua constituição enquanto ser e a externaliza como forma de símbolo, que atenda um mundo criado a partir de uma necessidade humana, que seja espiritual. (MORAES, 2017).

REFERÊNCIAS

BÔAS, Rafael LitvinVillas. PEREIRA, Masieiro. (organização). **Cultura, arte e comunicação**. – 1.ed.- São Paulo: Outras Expressões, 2015.

BOURDIEU, PIERRE. **Os usos sociais da ciência – Por uma sociologia clínica do campo científico**. Conferencia e debate organizados pelo grupo Sciences em Questions, Paris, INRA, 11 de março de 1997. [Tradução: Denise Barbara Catani].

CARMO, Ione Maria do. **Dissertação intitulada: “O caxambu tem dendê”: Jongo e religiosidade na construção da Identidade Quilombola de São Jose da Serra**. 2012

CARNEIRO, Sueli. **Gênero e raça**. In: Estudos de gênero face aos dilemas da sociedade brasileira. São Paulo: 2001.

CARVALHO, José Jorge. **Um Panorama da Música Afro-brasileira: Parte 1. Dos Genero Tradicionais aos Primórdios do Samba**. Série Antropologia, Departamento de antropologia, Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Brasília, 2000.

CASTELLS, Manuel, 1942 – **O poder da identidade**. Tradução Klauss Brandini Gerhardt. – São Paulo: Paz e Terra, 1999. ISBN 85-219-0336-7.

CASTRO, Felipe. **Quelê, a voz da cor: biografia de Clementina de Jesus**. [et al.]. -1ª. ed. 364p.: II; 23cm.

COSTA, Renilda Aparecida. **Batuque: espaços e práticas de reconhecimento da identidade étnico-racial**. São Leopoldo: Casa Leiria, 2017. 186 p. ISBN 978-85-9509-008-8.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano: a essência das religiões**. Tradução Rogério Fernandes.- 2ª ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2008.

A. KOOGAN. **ENCICLOPÉDIA DELTA LAROUSSE - EM 15 VOLUMES, VOLUME IV, 2ª edição** – revista e atualizada. Editora Delta S. A. Rio de Janeiro – Brasil.

FANTINATO, Marcelo. **Métodos de pesquisa**. PPGSI – EACH – USP 2015.

FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes/ o legado da “raça branca?”**. Volume 1/ prefácio de Antonio Sérgio Alfredo Guimarães. – 3ª ed. São Paulo> Global, 2008.

FILORAMO, Giovanni. **As ciências das religiões**. / Giovanni Filoramo e Carlo Prandi; [tradução Jose Maria de Almeida]. São Paulo: Paulus, 1999. – (Sociologia e religião).

FRIAS, Lena. CARVALHO, Hermínio Bello de. LOPES, Nei. ANDRADE, Paulo César de. **Rainha Quelé: Clementina de Jesus**. Trabalho concebido na gráfica da Editora Valença S.A. Av. Nilo Peçanha, 786 – Valença RJ no mês de outubro de 2001.

FUNDAÇÃO MUSEU DA IMAGEM E DO SOM. Governo do Estado do Rio de Janeiro. Secretaria de Estado de Cultura. Valença, 05 de novembro de 2001.

GÉRARD, Durozoi; ROUSSEL, André. **Dicionário de filosofia**. 2ª edição, tradução Marina Appenzeiller. – Campinas, SP: Papirus, 1996.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. **Classes, raças e democracia**.- São Paulo: Editora 34, 2012. (2ª Edição). 240 p.

<http://acervo.oglobo.globo.com/em-destaque/descoberta-aos-60-anos-clementina-de-jesus-a-rainha-do-canto-negro-no-brasil-21590902#ixzz4oLhIYSVh>

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Gaucira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

LOPES, Nei. SIMAS, Luiz Antonio. 1942- **Dicionário da história social do samba**. – 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017. 336 p.; 23 cm. ISBN 978-85-200-1258-1.

MATTOS, Regiane Augusto de. **História e cultura afro-brasileira**. 2.ed., 1º reimpressão. – São Paulo: contexto, 2012.

RAIMUNDO, Valdenice José. GEHLEN, Vitória. ALMEIDA, Daniely. **Mulher negra: inserção nos movimentos sociais feministas e negra**. s/d.

JENSEN, Tina Gudrun. **Revista de Estudos da Religião. Discurso sobre as religiões afro-brasileira: da desafricanização para a refracanação**. ISSN 1677- 12222. N° 1/2001/ pp. 1-22.

OCHOA, Daniela Amália. OLIVEIRA, Gabriella Mamede de. PRINCE, Profª Drª Ana Enedi. **A CULTURA DO VALE DO PARAÍBA**. Anais de Trabalhos Completos: INIC 2005 - IX Encontro Latino Americano de Iniciação Científica, 2005.

ROCHA, Helena. S. C. **Visibilizando o invisível**. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará – IFPA. Pró-Reitoria de Extensão – Proext. Diretoria de Relações Empresariais e Extensão Integradas – DIREI. Núcleo de Estudos Afro-brasileiros – IFPA Campus Belém. Belém-PA. 2013.

SILVEIRA, Emerson Sena da. MORAES JUNIOR, Manoel Ribeiro de. **A Dimensão Teórica dos Estudos da Religião: Horizontes Histórico, Epistemológico e Metodológico nas Ciências da Religião**. Fonte Editorial. PPGCR- UEPA. 2017.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Retrato em Branco e Negro: Jornais, Escravos e Cidadãos em São Paulo no Final do Século XIX**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SCHERER-WARREN, Ilse. LUCHMANN, Lígia H. H. **Situando o debate sobre movimentos sociais e sociedade civil no Brasil**. Política & sociedade. N.5 – outubro de 2014.

SILVA, Camila Luiza Souza. **A Presença do Candomblé na obra de Clementina de Jesus: Um diálogo entre o samba e as religiões afro-brasileira.** 2 Simpósio Nordeste da ABHR (Associação Brasileira de História das Religiões).

SILVA, Lidiane Rodrigues Capêlo da. DAMACENO, Ana Daniela. MARTINS, Maria da Conceição Rodrigues. SOBRAL, Karine Martins. FARIAS, Isabel Maria Sabino de. **PESQUISA DOCUMENTAL: ALTERNATIVA INVESTIGATIVA NA FORMAÇÃO DOCENTE.** IX Congresso Nacional de Educação – EDUCERE III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia. 26 a 29 de Outubro de 2009 – PUCPR.

SILVA, Luciana Leonardo da. **Rosa de ouro: Luta e representação política na obra de Clementina de Jesus.** Material apresentado ao Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal Fluminense, como requisito para obtenção do título de Mestre. Niterói, 2011.

SILVA, Maria Nilza da. PACHECO, Jairo Queiroz. (Organizadores). **Dona Vilma: cultura negra como expressão de luta e vida.** – Londrina: UEL, 2014. 192p.: Il. Vários autores. ISBN 978-85-7846-275-8.

SIMAS, Luiz Antonio. **Coisas nossas.** 1. ed. – Rio de Janeiro: José Olympio, 2017. 142 p. ISBN 978-85-03-01332-1.

WEBER, Max. **Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva.** Trad. De Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa; rev. Téc de Gabriel Chn, 4º ed. – Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2000, 2009 (reimpressão). 464p.

<http://culturabrasil.cmais.com.br/programas/veredas/arquivo/o-canto-dos-escravos>

www.unb.br/ics/dan/Serie275empdf.pdf

[HTTPS://pt.wikipedia.org/wiki/Bantos](https://pt.wikipedia.org/wiki/Bantos). 17/08/2017

ÍNDICE

A

Acervo Histórico 1, 142
Aerofotogrametria 1, 4, 7, 9, 10

B

Bíblia 40, 42, 44, 46, 47, 48

C

Capital Simbólico 52, 106
Cartografia 1, 4, 5, 6, 7, 8, 10, 11, 14, 15
Cibercultura 49, 50, 51, 52, 97, 98, 99, 101, 102, 104, 105, 106, 110
Ciberespaço 49, 50, 99, 102, 105, 106, 110
Cidades Sustentáveis 53, 56, 57, 60, 62, 63, 67, 70, 71, 72
Circularidade 74, 75, 78, 80, 84
Consumo 52, 55, 58, 59, 60, 63, 64, 97, 98, 99, 100, 101, 103, 104, 114, 116, 136, 137, 177, 179
Criança Kaiowá 74, 84

D

Daniel Faria 40, 41, 42, 43, 44, 47, 48
Desenvolvimento Local 63, 111, 113, 118, 120

E

Economia Solidária 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 180, 183
Educação 31, 39, 52, 59, 61, 66, 69, 84, 97, 98, 105, 115, 122, 150, 154, 171, 172, 194, 196, 209
Educação Online 97, 98, 101, 104, 105
Estado 1, 2, 3, 4, 6, 8, 10, 11, 13, 15, 24, 29, 34, 61, 71, 74, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 95, 96, 100, 115, 123, 124, 125, 126, 129, 131, 132, 133, 135, 138, 139, 140, 142, 149, 154, 171, 176, 183, 194, 197, 206

F

Fogo Doméstico 74, 75, 76, 77, 80, 81, 84

G

Geoprocessamento 1, 7, 14

I

Indústria Fonográfica 16, 18, 26
Interatividade 49, 50, 51, 97, 98, 99, 102, 104

J

João Pessoa 53, 54, 61, 62, 63, 64, 67, 68, 70, 71, 72, 73, 111, 113, 115, 117, 121, 122

L

Laranjeira Nãnderu 74, 75, 76, 77, 78, 79, 82, 84

M

Master Nerd 49, 51

Mídias Digitais 97, 98, 101, 106

Mística 40, 42

Mulher 20, 21, 23, 40, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 111, 113, 116, 117, 118, 121, 166, 171, 189

Música Sertaneja 16, 17, 18, 25, 26, 27

N

Nerd 49, 50, 51, 52

O

Ods 53, 54, 56, 60, 62, 67, 68, 69, 70, 72

P

Poesia 40, 41, 42, 43, 45, 46, 47, 48, 198

Política Indigenista 28, 29, 30, 31, 33, 34, 37, 38, 39

Políticas Públicas 54, 73, 85, 86, 87, 90, 95, 96, 101, 111, 112, 113, 114, 115, 119, 120, 121, 146, 148, 149, 150, 173, 174, 175, 176, 181, 182, 183

Produção de Sentidos 97

Produtores Culturais 106

Projeto 1, 4, 9, 31, 32, 36, 37, 38, 57, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 98, 103, 115, 116, 141, 173, 183, 184, 189, 195, 197, 198, 206

Protagonismo Indígena 28, 29, 30, 31, 35, 36, 38

R

Relações 4, 28, 29, 30, 40, 41, 49, 61, 69, 72, 74, 75, 78, 80, 82, 83, 98, 99, 102, 113, 115, 119, 120, 129, 133, 138, 140, 154, 160, 166, 171, 176, 177, 180, 194, 200

Representação 4, 5, 16, 18, 21, 26, 30, 50, 159, 172, 175, 195, 196, 199, 200, 203, 207

S

Sensoriamento Remoto 1, 6, 8, 10, 14

Sustentabilidade 53, 54, 55, 56, 57, 60, 62, 63, 65, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 88, 113, 114, 116, 180

T

Terra 5, 6, 7, 18, 25, 28, 29, 30, 31, 36, 37, 38, 54, 55, 58, 59, 65, 68, 69, 72, 75, 83, 84, 101, 105, 126, 128, 141, 142, 151, 155, 161, 165, 170, 175, 177, 178, 182

Tião Carreiro e Pardino 16, 17, 19, 24, 25, 26

V

Valorização da Mulher 111

Vida Rural 16, 18


SABERES TRADICIONAIS E CONHECIMENTOS CIENTÍFICOS NAS CIÊNCIAS HUMANAS

2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

SABERES TRADICIONAIS E CONHECIMENTOS CIENTÍFICOS NAS CIÊNCIAS HUMANAS

2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 